

Keynes, o Homem

Murray Rothbard

Keynes, O Homem

Escrito por
Murray Rothbard

1ª Edição



Keynes, o Homem

Murray Rothbard

1ª Edição, Editora Konkin, São Paulo, 2022

Tradução

Daniel Miorim de Moraes

Revisão

Vitor Gomes Calado

Capa

Raíssa Souza Abreu

Diagramação

Vitor Gomes Calado

Licença

© Copyright 1988 pelo Instituto Ludwig von Mises, edição online de 2002

The General Theory não foi de forma alguma realmente revolucionário, mas meramente o velho e frequentemente refutado mercantilismo de falácias inflacionistas e vestido em uma nova roupa brilhante, repleto com jargões construídos recentemente e majoritariamente incompreensíveis.

Murray N. Rothbard

Sumário

Keynes, o Homem	7
Nascido na Púrpura.....	9
O Apóstolo de Cambridge	11
Bloomsbury.....	15
O Filósofo Mooerita	17
O Político Teórico Burkeano	23
O Economista: Arrogância e Pseudo Originalidade	25
"O Vigarista".....	33
Keynes e a Índia.....	37
Vendendo a Teoria Geral.....	43
Economia Política de Keynes	57
Resumindo	67
Bibliografia.....	73

Keynes, o Homem

John Maynard Keynes, o homem, seu caráter, seus escritos e suas ações ao longo de sua vida — foram compostas de três elementos que interagiram entre si e o guiaram.

O primeiro era seu excessivo egotismo, que garantiu a ele que ele poderia lidar com todos os problemas intelectuais rápida e precisamente e levaram ele a desconsiderar quaisquer princípios gerais que pudessem refrear seu ego desenfreado. O segundo foi seu forte senso de que ele nasceu para, e estava destinado a, ser um líder da classe governante da Grande Grã-Bretanha.

Esses dois traços levaram Keynes a lidar com pessoas e com nações de uma posição percebida por ele mesmo como de poder e dominância. O terceiro elemento foi seu profundo desprezo e desdém pelos valores e virtudes da burguesia, pela moralidade convencional, por seu patrimônio e parcimônia, e pelas instituições básicas da vida familiar.

Originalmente publicado em *Dissent on Keynes: A Critical Appraisal of Keynesian Economics*, editado por Mark Skousen. New York: Praeger (1992), pp. 171–98.

Nascido na Púrpura

KEYNES nasceu em condições especiais, um herdeiro para as classes governantes não apenas da Grã-Bretanha, mas também para os economistas britânicos. Seu pai, John Neville Keynes, foi um amigo próximo e antigo aluno de Alfred Marshall, professor de Cambridge e uma celebridade incontestável da economia britânica por meio século.

Neville Keynes desapontou Marshall ao falhar em cumprir sua promessa como prodígio, produzindo apenas um brando tratado de metodologia da economia, um assunto desdenhado como profundamente "não-inglês" (J. N. Keynes [1891] 1955).

O refúgio clássico para os acadêmicos fracassados sempre foi a administração universitária, então Neville alegremente sepultou a si mesmo na controladoria e em outras posições de poder dentro da administração da Universidade de Cambridge.

A psique de Marshall compeliu ele a sentir uma obrigação moral com Neville que foi além da pura lealdade da amizade e esse senso de obrigação foi estendido para além, para o filho amado de Neville, Maynard.

Consequentemente, quando Maynard eventualmente decidiu buscar uma carreira como economista em Cambridge, duas figuras extremamente poderosas nessa universidade — seu pai e Alfred Marshall — estavam mais do que prontos para dar a ele uma mãozinha.

O Apóstolo de Cambridge

A MAIS favorável educação disponível para a elite inglesa foi garantida a Maynard por seu pai amoroso. Primeiro, ele foi um estudante bolsista no "College" em Eton, uma subdivisão intelectual da mais influente escola pública da Inglaterra. De lá, Maynard foi para o King College, que, junto com o Trinity, era uma das duas mais dominantes faculdades da Universidade de Cambridge.

No King, Maynard foi rapidamente convidado para uma cobiçada membresia na sociedade secreta dos Apóstolos, uma organização que rapidamente moldou seus valores e sua vida. Keynes cresceu para maturidade social e intelectual nos confins de um pequeno e incestuoso mundo de segredos e superioridade.

Os Apóstolos não eram simplesmente um clube social, a maneira das fraternidades secretas da Ivy League. Eles eram uma autoconsciente elite intelectual, especialmente interessada em filosofia e nas suas aplicações a estética e a vida.

Membros dos Apóstolos eram escolhidos quase exclusivamente do King e do Trinity, e eles se encontravam todos os domingos a tarde, atrás de portas fechadas para entregarem e discutirem artigos.¹ Durante o resto da semana, os membros praticamente viviam nos quartos uns dos outros.

Além disso, o Apostolado não era simplesmente um caso para os graduandos, mas uma membresia para a vida e estimada como tal. Para o resto de suas vidas, os Apóstolos adultos (conhecidos como "Anjos"),

¹ Perguntando a si mesmo por que o eminente historiador constitucional Frederic W. Maitland não teve influência sobre os apóstolos de sua era, mesmo que tenha sido um membro, Derek Crabtree responde que Maitland foi desafortunado o suficiente para ter uma cadeira na Downing College, uma das menos influentes faculdades de Cambridge (veja Crabtree 1980, pp 18-19).

Keynes, o Homem

incluindo Keynes, retornavam frequentemente a Cambridge para encontros, e participavam ativamente no recrutamento de novos graduandos.

Em fevereiro de 1903, com 20 anos de idade, John Maynard Keynes assumiu seu lugar como Apóstolo N°243 em uma cadeira que reclinava em uma sociedade que foi fundada em 1820.

Pelos próximos 5 ou 6 anos de formação, Maynard gastou quase toda sua vida privada entre os Apóstolos, e seus valores e atitudes foram moldados de acordo. Mais ainda, a maior parte da sua vida adulta foi gasta entre Apóstolos mais novos e mais velhos, seus amigos e outras relações.

Uma importante razão para o efeito poderoso da Sociedade dos Apóstolos sobre seus membros era a atmosfera inebriante de segredos. Como biógrafo de Keynes, Robert Skidelsky escreve

Ninguém deve jamais subestimar o efeito do segredo. Muito do que foi fazer o resto do mundo parecer alienígena veio desse simples combustível. Segredos foram o vínculo que ampliou o pedaço da vida que a Sociedade ocupava em comparação aos outros interesses dos seus membros.

É muito mais fácil, afinal, gastar o tempo de alguém com pessoas com as quais ele não precisa manter grandes segredos; e gastar muito tempo com eles reforça o que os trouxe juntos para começo de conversa. (Skidelsky 1983, p. 118; veja também Deacon 1986)

A extraordinária arrogância dos Apóstolos pode ser mais bem sumarizada pela piada meio kantiana dessa Sociedade, que a Sociedade em si era "real", enquanto o resto do mundo era apenas "fenomênico."

O próprio Maynard se referiria a não-Apóstolos como "fenomênicos". O que isso tudo significava era que o mundo lá fora era tratado como menos substancial, menos digno de atenção que a vida coletiva da Sociedade.

Era uma piada que continha em si uma séria reviravolta (Skidelsky 1983, p. 118). "Foi devido a existência da Sociedade" escreveu o Apóstolo Bertrand Russell em sua *Autobiografia*, "que eu vim a conhecer as pessoas que mais valia a pena conhecer".

De fato, Russell lembra que quando Keynes, já adulto, deixou Cambridge, ele viajou pelo mundo com a sensação de ser um bispo de uma seita em terras estrangeiras. "A verdadeira salvação para Keynes" lembra Russell com grande percepção "estava em outro lugar, entre os fiéis em Cambridge" (Crabtree and Thirlwall 1980, p. 102).

Ou, como o próprio Maynard escreveu durante seus dias de graduando em uma carta para seu amigo e seu colíder, Giles Lytton Strachey, "É monomania — essa colossal superioridade moral que nós sentimos? Eu tenho a sensação de que a maior parte do resto [o resto do mundo fora dos Apóstolos] nunca viram nada mesmo — tão estúpidos e tão imorais" (Skidelsky 1983, p. 118).²

Duas atitudes básicas dominaram o grupo hermético sob a égide de Keynes e Strachey. A primeira era sua crença fundamental na importância do amor-próprio e da amizade, enquanto desprezavam quaisquer regras gerais ou princípios que talvez pudessem limitar seus próprios egos; e a segunda, sua animosidade para com e desprezo pelos valores e pela moralidade da classe média.

A confrontação Apostólica com os valores burgueses incluíam elogios a estética vanguardista, a crença na homossexualidade como moralmente superior (com a bissexualidade como um distante segundo

² Como quando o filósofo John E. McTaggart, um professor no Trinity, que foi um apóstolo desde 1880, casou-se mais tarde em sua vida, ele assegurou aos apóstolos que sua esposa era meramente "fenomênica" (Skidelsky 1983, p. 118).

Keynes, o Homem

lugar³) e desprezo pelos valores tradicionais da família como a parcimônia ou qualquer ênfase no futuro ou no longo prazo, quando comparado com o presente. ("No longo prazo", como Keynes iria entoar em sua famosa frase, "estaremos todos mortos.")

³ Bertrand Russell, que era uma década mais velho que Keynes, não gostava do grupo de Strachey/Keynes que dominava os membros graduandos durante a primeira década do século 20, principalmente por sua convicção de que a homossexualidade era moralmente superior a heterossexualidade.

Bloomsbury

Depois de sua graduação em Cambridge, Keynes e muitos dos Apóstolos da faculdade pegaram alguns alojamentos em Bloomsbury, um bairro antiquado no norte de Londres. Eles formaram então o famoso Grupo Bloomsbury, um centro de estética e moral vanguardista que constituiu a mais influente cultural e intelectual força na Inglaterra durante os anos de 1910 e 1920.

A formação do Grupo Bloomsbury foi inspirada na morte do eminente filósofo vitoriano e liberal clássico Sir Leslie Stephen em 1904. O jovem filho de Stephen, que se sentiu libertado pela partida da rígida presença moral de seu pai, prontamente arrumou uma casa em Bloomsbury e começou a dar bailes todas as quintas-feiras.

Thoby Stephen, mesmo sem ser um apóstolo, era um amigo próximo no Trinity de Lytton Strachey. Strachey e outros Apóstolos, bem como outro grande amigo de Strachey da Trinity, Clive Bell, se tornaram hóspedes regulares dos seus bailes.

Depois da morte de Thoby em 1906, Vanessa Stephen se casou com Bell, e os encontros em Bloomsbury se dividiram em dois grupos. Uma vez que Clive era um crítico de arte em formação e Vanessa era uma pintora, eles estabeleceram um Clube das Sextas, concentrado nas artes visuais. Enquanto isso, Virginia e Adrian Stephen continuaram os encontros de Quinta focados em literatura, filosofia e cultura.

Eventualmente, o Apóstolo do Trinity, Leonard Woolf, um amigo e contemporâneo de Keynes se casou com Virginia Stephen. No final de 1909, Keynes se mudou para uma casa de Bloomsbury muito próxima a dos Stephens, dividindo um apartamento com o artista de Bloomsbury Duncan Grant, um primo dos Stracheys.

Os valores e atitudes de Bloomsbury são similares àqueles dos Apóstolos de Cambridge, embora com uma pegada mais artística. Com

Keynes, o Homem

uma maior ênfase na rebelião contra os valores vitorianos, não é de se admirar que Maynard Keynes tenha sido um membro distinto dos Bloomsbury.

Uma ênfase particular foi a de perseguir uma arte formalista e vanguardista — impulsionado pelo crítico de arte e Apóstolo de Cambridge Roger Fry, que depois retornou para Cambridge como professor de arte. Virginia Stephen Woolf iria se tornar uma expoente proeminente em ficção formalista. E todos eles energeticamente perseguiram um estilo de vida de bissexualidade promíscua, como foi trazido às luzes pela biografia de Strachey de Michael Holroyd (1967).

Como membros do círculo cultural de Cambridge, o grupo Bloomsbury aproveitou a herdada, embora modesta, riqueza. Mas, conforme o tempo foi passando, muito do financiamento de várias exposições e projetos de Bloomsbury vieram do seu membro leal, Maynard Keynes.

Como Skidelsky escreve, Keynes "veio para trazer à Bloomsbury músculos financeiros, não apenas ao fazer grandes negócios financeiros ele mesmo [principalmente através de investimentos e especulação financeira], que ele gastou de forma pródiga nas causas de Bloomsbury, mas por sua habilidade de organizar apoio financeiro para as empresas deles."

De fato, da Primeira Guerra Mundial em diante, era quase impossível encontrar qualquer empresa, cultural ou doméstica, em que membros de Bloomsbury estivessem envolvidos, que não se beneficiaram de alguma forma de sua generosidade, de sua perspicácia financeira, ou de seus contatos. (1983, p. 250; veja também pp. 242–51).

O Filósofo Mooerita

O maior impacto na vida e nos valores de Keynes, a maior experiência de conversão para ele, não veio da economia, mas da filosofia. Alguns meses depois da iniciação de Keynes nós apóstolos, G.E. Moore, um professor de filosofia do Trinity que havia se tornado um Apóstolo uma década antes de Keynes publicou sua magnum opus, *Principia Ethica* (1903). Tanto na época quanto em lembranças três décadas depois, Keynes atestou o enorme impacto que o *Principia* teve sobre ele e sobre seus amigos Apóstolos.

Em uma carta na época de sua publicação, ele escreveu que o livro "é uma obra estupenda e fascinante, *a melhor* no assunto" [itálico de Keynes], e alguns anos depois ele escreveu para Strachey, "É *impossível* exagerar na maravilha e na *originalidade* de Moore, quão incrível é imaginar que apenas nós conhecemos o embrião de uma verdadeira teoria de ética."

E, em um artigo de 1938 para o grupo Bloomsbury, intitulado "My Early Beliefs", Keynes recorda que "Os efeitos do *Principia* em nós e a conversa que o precedeu e o procedeu, dominou, e talvez ainda domine, tudo." Ele adicionou que o livro "era excitante, emocionante, o começo de um novo renascimento, a abertura de um novo céu na terra" (Skidelsky 1983, pp. 133–34; Keynes [1951] 1972, pp. 436–49). Palavras muito fortes sobre um livro técnico de filosofia!

Qual é a fonte dessas palavras? Em primeiro lugar, havia o carisma pessoal que Moore exercia sobre os estudantes de Cambridge. Mas, além de seu magnetismo pessoal, Keynes e seus amigos foram atraídos não tanto pela doutrina de Moore em si quanto pela interpretação particular e a pagada que eles mesmo deram para a doutrina.

Apesar de seu entusiasmo, Keynes e seus amigos aceitaram apenas o que eles diziam ser a ética *pessoal* de Moore (*i.e.*, aquilo que eles

Keynes, o Homem

chamaram de a "religião" de Moore), enquanto eles rejeitaram totalmente sua ética *social* (i.e., aquilo que eles chamaram de sua "moral"). Keynes e seus amigos Apóstolos entusiasticamente abraçaram a ideia de uma "religião" composta de momentos de "contemplação apaixonada e comunhão" dos objetos do amor e da amizade.

Eles repudiaram, entretanto, toda a moralidade social e regras gerais de conduta, rejeitando completamente o penúltimo capítulo sobre "Ética em Relação a Conduta". Como Keynes estabelece em seu artigo de 1938,

Em nossa opinião, uma das maiores vantagens de sua religião [de Moore] era que fazia da moral desnecessária. [...] Nós repudiamos inteiramente uma responsabilidade pessoal em nós de obedecermos a regras gerais. Nós clamamos o direito de julgar o caso de cada indivíduo baseado em seus méritos e clamamos a sabedoria de fazê-lo de forma bem-sucedida.

Essa era uma parte muito importante de nossa fé, violenta e agressivamente mantida, e para o resto do mundo era nossa característica mais perigosa e óbvia. Nós repudiamos inteiramente os costumes morais, as convenções e o conhecimento tradicional. Nós éramos, por assim dizer, no sentido estrito do termo, Imoralistas. (Keynes [1951] 1972, pp. 142–43)

Observadores contemporâneos perspicazes resumiram a conduta de Keynes e de seus amigos Apóstolos. Bertrand Russell escreveu que Keynes e Strachey deturpavam os ensinamentos de Moore; eles "buscavam uma vida de descanso com tons alegres e sentimentos felizes, e concebiam a vida dos bons como consistindo nas admirações ardentes mútuas ocorridas na panelinha da elite" (Welch 1986, p. 43).

Ou, como Beatrice Webb nitidamente observou, o Moorismo entre os Apóstolos era "nada menos do que uma justificação metafísica para que fizessem o que queriam — e que outras pessoas desaprovavam" (ibid.).

A questão então emerge, quão seriamente esse imoralismo, essa rejeição das regras gerais que normalmente iriam restringir o ego de alguém, marcariam a vida adulta de Keynes?

Sir Roy Harrod, um discípulo e um biógrafo hagiográfico, insiste que esse imoralismo, assim como todos os outros aspectos desagradáveis da personalidade de Keynes, foram apenas uma fase adolescente, rapidamente superadas pelo seu herói.

Mas muitos outros aspectos de sua carreira e de seu pensamento confirmam que o imoralismo e o desdém pela burguesia de Keynes duraram por toda sua vida. Além disso, no seu artigo de 1938, feito quando tinha 55 anos de idade, Keynes confirmou a contínua aderência a suas visões primárias, afirmando que o imoralismo é

"ainda minha religião por debaixo da superfície, [...] Eu permaneço sendo e sempre serei um Imoralista"
(Harrod 1951, pp. 76–81; Skidelsky 1983, pp. 145–46; Welch 1986, p. 43).

Em uma contribuição notável, Skidelsky demonstra que o primeiro livro acadêmico importante de Keynes, *A Treatise on Probability* (1921), não estava desconectado do resto de suas preocupações. Ele foi concebido como uma tentativa de cimentar sua rejeição das regras gerais de moralidade de Moore.

O Começo do *Treatise* veio num artigo, que Keynes leu para os Apóstolos em janeiro de 1904, contra o capítulo desprezado de Moore, "Ethics in Relation to Conduct." Refutar Moore sobre probabilidade ocupou os pensamentos acadêmicos de Keynes do início de 1904 até 1914, quando o manuscrito do *Treatise* foi completado.

Keynes, o Homem

Ele concluiu que Moore foi capaz de impor regras gerais sobre ações concretas ao usar uma teoria "frequentista" ou empírica de probabilidade, isso é, através da observação das frequências de ocorrências empíricas nós podemos ter certo conhecimento das probabilidades das *classes* de eventos.

Para destruir qualquer possibilidade de aplicar regras gerais a casos particulares, o *Treatise* de Keynes patrocinou a clássica teoria a priori da probabilidade, onde frações de probabilidade são dedutíveis puramente pela lógica e não tem nada a ver com a realidade empírica. Skidelsky descreve bem seu ponto:

O argumento de Keynes pode, então, ser interpretado como uma tentativa de libertar o indivíduo de perseguir o bem [...] através de ações egotistas, já que não é requerido dele que tenha certo conhecimento das prováveis consequências de suas ações para que possa agir racionalmente.

Essa é parte, em outras palavras, de sua contínua campanha contra a moralidade cristã. Isso seria apreciado por sua audiência, mesmo que a conexão não seja óbvia para o leitor moderno. Mais genericamente, Keynes liga a racionalidade a conveniência.

As circunstâncias da ação se tornam a mais importante consideração no julgamento da probabilidade de retidão. [...] Ao limitar a possibilidade de conhecimentos seguros, Keynes aumentou o escopo do julgamento intuitivo. (Skidelsky 1983, 153–54)

Nós não podemos chegar aos meandros da teoria de probabilidade aqui. Suficiente é dizer que a teoria a priori de Keynes foi demolida por Richard Von Mises (1951) em seu trabalho nos anos de 1920, *Probability, Statistics, and Truth*.

Murray Rothbard

Mises demonstrou que a fração de probabilidade só pode ser usada de forma significativa quando ela incorpora uma lei derivada empiricamente de entidades que são homogêneas, aleatórias e indefinidamente repetíveis.

Isso significa, claro, que a teoria da probabilidade só pode ser aplicada a eventos, que, na vida humana, estão confinados a aqueles como a Loteria ou a Roleta de Cassino. (Para uma comparação entre Keynes e Richard Von Mises, veja D.A. Gilies [1973, pp. 1-34].)

A propósito, a teoria da probabilidade de Richard Von Mises foi adotada por seu irmão Ludwig, embora eles concordassem muito pouco em outras coisas (L. von Mises [1949] 1966, pp. 106-15).

O Político Teórico Burkeano

"S E MOORE era o herói ético de Keynes, Burke pode ter uma forte reivindicação como sendo seu herói político" escreve Skidelsky (1983, p. 154). Edmund Burke? O que um conservador amante da tradição teria em comum com Keynes, o estatista e planejador central racionalista?

Uma vez mais, como com Moore, Keynes venerava esse homem com uma pegada Keynesiana, selecionando os elementos que se encaixavam em seu próprio caráter e temperamento. O que Keynes pegou de Burke é revelador. (Keynes apresentou suas visões em um longo, graduando, ganhador de prêmios, artigo inglês acerca do "The Political Doctrines of Edmund Burke.")

Isso é, primeiro, a oposição militante de Burke aos princípios gerais na política e, em particular, seu patrocínio da conveniência contra os direitos naturais abstratos. Em segundo lugar, Keynes concordou fortemente com a alta preferência temporal de Burke, seu rebaixamento do futuro incerto contra o presente existente.

Keynes então concordou com o conservadorismo de Burke no sentido que era hostil a "introduzir maus presentes para o bem de benefícios futuros." Essa também é a expressão de direita da depreciação geral de Keynes do longo prazo, quando "todos estaremos mortos".

Como Keynes coloca, "É o dever primordial dos governos e dos políticos garantir o bem-estar de uma comunidade sob a situação do presente, e não correr riscos demasiados para o futuro" (ibid., pp. 155–56).

Em terceiro lugar, Keynes admirava a apreciação de Burke da elite "orgânica" da Grã-Bretanha. Existem diferenças sobre políticas, claro, mas Keynes juntou-se a Burke em saudar o sistema do comando

Keynes, o Homem

aristocrático como sólido, enquanto o pessoal envolvido na administração fossem os escolhidos de uma existente elite orgânica.

Escrevendo sobre Burke, Keynes notou " a máquina em si [o estado britânico] ele declarou como sendo sólido o suficiente apenas se a habilidade e a integridade daqueles no poder pudesse ser assegurada" (ibid., p. 156).

Em adição a essa visão neoburkeana de desprezo pelos princípios, falta de preocupação com o futuro e a admiração pela existente classe governante da Grã-Bretanha, Keynes também estava certo de que a devoção a verdade era uma questão de gosto, com pouco ou nenhum lugar na política.

Ele escreveu: "Uma preferência pela verdade ou pela sinceridade *como um método* pode ser prejudicial baseado em algum padrão pessoal ou estético pessoal, inconsistente, para com a política, com o bem prático"(Johnson 1978, p. 24).

De fato, Keynes demonstrou ter um paladar favorável a mentir na política. Ele habitualmente fazia as estatísticas servirem seus propósitos políticos, e ele iria agir por inflação monetária mundial com hipérboles exageradas enquanto mantinha que "as palavras precisam ser um pouco selvagens — como um assalto de pensamentos sobre os impensantes."

Mas, revelador o suficiente, quando ele chegou ao poder, Keynes admitiu que tal hipérbole teria que ser largada: "Quando os assentos do poder e da autoridade são alcançados, não deve haver mais espaço para a licença poética." (Johnson e Johnson 1978, pp. 19—21).

O Economista: Arrogância e Pseudo Originalidade

A abordagem de Keynes da economia não era diferente de sua atitude na filosofia e na sua vida em geral. "Tenho medo de 'princípios,' ele contou num comitê parlamentar em 1930 (Moggridge 1969, p. 90).

Princípios iriam restringir sua habilidade de buscar a oportunidade do momento e iriam dificultar seu desejo de poder. Por isso, ele estava sempre disposto a desertar suas crenças iniciais e mudar sua mente por dinheiro, dependendo da situação.

Ele se colocar a favor das livres trocas é um ruidoso exemplo. Como um bom Marshalliano, seu único, aparentemente fixo, princípio político econômico que durou uma vida foi sua aderência devotada a liberdade de trocas.

Em Cambridge ele escreveu para um grande amigo, "Sir, eu odeio todos os padres e protecionistas. [...] Abaixo os pontífices e suas tarifas." Pelas próximas três décadas, suas intervenções políticas foram quase somente preocupadas com o patrocínio das livres trocas (Skidelsky 1983, pp. 122, 227-29).

Então, de repente, na primavera de 1931, Keynes espalhafatosamente clamou por protecionismo, e durante os anos de 1930, ele liderou a passeata pelo nacionalismo econômico e por políticas francamente designadas a serem de tipo "mendigo-de-vizinho."

Mas, durante a Segunda Guerra Mundial, Keynes deu a volta para as livres trocas. Nunca uma investigação de sua alma, ou até mesmo hesitação, pareceram fazê-lo hesitar diante dessas mudanças relâmpago.

Keynes, o Homem

Na verdade, no início dos anos 1930, Keynes era amplamente ridicularizado na imprensa britânica por suas visões de camaleão. Como Elizabeth Johnson escreveu, “Ele era Keynes, o homem de borrachanatural”: o *Daily News and Chronicle* de março de 1931, trouxe um artigo chamado "Economic Acrobatics of Mr. Keynes" — e o ilustrou com um esboço do "A Remarkable Performance."; “O senhor John Maynard Keynes como o ‘homem sem ossos’, vira todo seu corpo e engole seu mais recente rascunho” (1978, p. 17).

Keynes, entretanto, não se incomodava com as acusações de inconsistência, considerando sempre que ele mesmo estava certo. Era particularmente fácil para Keynes adotar essa convicção já que ele não ligava para princípios. Ele estava então sempre pronto para mudar de carvalho para expandir seu ego através de poder político.

Conforme o tempo passava, Elizabeth Johnson escreve, Keynes "tinha uma ideia clara de seu papel no mundo, ele era [...] o principal conselheiro econômico do mundo, para o Chanceler do Tesouro que o procurasse no dia, para o ministro de finanças da França, para o presidente dos Estados Unidos." Perseguir o poder por si mesmo e para a classe governante significava, claro, aumentar a aderência a ideias e instituições de uma economia administrada centralmente.

Entre os bons homens da elite orgânica governando a nação, ele colocava a si mesmo no papel crucial do técnico-acadêmico, a versão do século 20 do "filósofo-rei" ou, ao menos, o filósofo que guiava o rei.

Não é de se admirar que Keynes "saudou o Presidente [Franklin D.] Roosevelt como o primeiro chefe de estado a receber conselhos teóricos como a base para ações de larga escala" (Johnson e Johnson 1978, pp. 17–18).

Ação é o que Keynes esperava do governo, especialmente com o próprio Keynes fazendo planos e determinando os rumos de ação. Como Johnson escreve, seu oportunismo significava que ele reagia a eventos imediatamente e diretamente.

Ele produziria uma resposta, escreveria um memorando, publicaria de uma vez, não importando o assunto. [...] Na tesouraria da Segunda Guerra Mundial, ele quase levou seus colegas próximos a loucura com sua propensão a colocar o dedo em cada pequena coisa. "Não apenas fique parado aí, faça alguma coisa" teria sido seu lema para o dia a dia. (ibid., p. 19).

Johnson nota que

a atitude instintiva de Keynes a qualquer nova situação era assumir, primeiro, que ninguém estava fazendo nada a respeito de algo, e depois, se eles estavam, que eles estavam fazendo errado.

Era um hábito mental de uma vida baseado na convicção de que ele estava armado com um cérebro superior [...] e, Apóstolo de Cambridge como ele era, dotado de uma sensibilidade superior. (Ibid., p. 33)

Uma notável ilustração de injustificada arrogância de Maynard Keynes e sua irresponsabilidade intelectual foi sua reação ao brilhante e pioneiro *Treatise on Money and Credit* de Ludwig Von Mises, publicado em alemão em 1912.

Keynes tinha recém se tornado o editor do principal periódico acadêmico econômico da Grã-Bretanha, O *Economic Journal* da Universidade de Cambridge. Ele fez um review do livro de Mises, dando-lhe pouca atenção.

O livro, ele escreveu condescendentemente tinha "considerável mérito" e era "iluminado", e seu autor era definitivamente "amplamente lido", mas Keynes expressou desapontamento que o livro não era "construtivo" ou "original" (Keynes 1914).

Essa reação brusca serviu para matar qualquer interesse no grande livro de Mises na Grã-Bretanha e *Money and Credit* permaneceu sem tradução por duas fatídicas décadas.

Keynes, o Homem

O ponto peculiar do review de Keynes é que o livro de Mises era altamente construtivo e sistemático, assim como notavelmente original. Então como Keynes não conseguiu ver isso? O quebra-cabeça foi esclarecido uma década e meia depois, quando, em uma nota em seu próprio *Treatise on Money*, Keynes maliciosamente admitiu que "em alemão, eu apenas consigo entender claramente aquilo que eu já sei — então novas ideias podem passar despercebidas para mim em virtude das dificuldades da linguagem" (Keynes 1930a: I, p. 199 n° 2).

Que imprudência absurda. Isso era Keynes no seu máximo: fazer um review de um livro em uma língua em que ele não é capaz de absorver novas ideias e então atacar o livro por não conter nada novo, é uma boa métrica de sua arrogância e irresponsabilidade.⁴

Outro aspecto da arrogante presunção de Keynes era sua convicção de que muito do que ele fazia era original e revolucionário. Sua carta para G.B. Shaw em 1935 é bem conhecida:

Eu acredito que estou escrevendo um livro sobre teoria econômica que irá revolucionar profundamente [...] a forma como o mundo pensa sobre os problemas econômicos. [...] No que tange a mim, não estou meramente esperando por isso, em minha mente é uma certeza. (Hession 1984, p. 279)

Mas, sua crença em sua fanfarronice não estava confinada ao *The General Theory*.

⁴ Em vista de sua amizade com Keynes, a perspectiva de Hayek desse episódio caracteristicamente falha em perceber a arrogância de Keynes e irritação, tratando a história como se tivesse sido apenas meramente infeliz que Keynes não conhecesse alemão melhor:

"O mundo teria sido salvo de muito sofrimento se o alemão de Lord Keynes tivesse sido um pouco melhor" (Hayek [1956] 1984, pp. 219; veja também Rothbard 1988, pp. 28).

Bernard Corry aponta que "Desde o início do seu trabalho econômico ele clamava estar revolucionando a economia." Tão imbuído estava Keynes em fé na sua própria criatividade que ele até mesmo proclamou grande originalidade num artigo sobre ciclos econômicos que estava baseado no livro de D.H. Robertson *Study of Industrial Fluctuations*, brevemente após o livro ter sido publicado em 1913.

Corry relaciona essa atitude com a ênfase insistente do Grupo Bloomsbury em "originalidade" (pela qual, é claro, eles queriam dizer a eles). Originalidade, ele aponta, era "uma das fixações do Grupo Bloomsbury" (Crabtree and Thirlwall 1980, pp. 96–97; Corry 1986, pp. 214–15, 1978, pp. 3–34).

Keynes foi grandemente ajudado em suas declarações de originalidade pela tradição de economia que Alfred Marshall conseguiu estabelecer em Cambridge. Como estudante de Marshall e professor de Cambridge sobre a égide de Marshall, Keynes facilmente absorveu a tradição Marshalliana.

E não era que o próprio Marshall clamasse resplandecente originalidade, embora ele fizesse reivindicações de invenções independentes em utilidade marginal e tivesse, secretamente, inveja dos estudantes que talvez pudessem roubar suas ideias.

Marshall desenvolveu uma estratégia de manter um mundo Marshalliano hermeticamente fechado em Cambridge (e conseqüentemente na economia da Grã-Bretanha em geral). Ele criou um mito que em sua *magnum opus* de 1890, *Principles of Economics*, ele havia construído uma síntese superior, incorporando os aspectos válidos de todas as teorias competidoras e conflitantes anteriores

Keynes, o Homem

(dedutivismo e indutivismo, teoria e história, utilidade marginal e custo real, curto e longo prazo, Ricardo e Jevons).⁵

Antes dele ter empurrado com sucesso esse mito, ele havia espalhado por todo lugar a visão universal de que "estava tudo em Marshall," que, afinal, não havia necessidade de ler mais ninguém. Pois se Marshall havia harmonizado todos as visões unilaterais, economicamente caolhas, então não havia mais razões exceto antiquarianismo para se preocupar em ler elas.

Como resultado, o economista modal de Cambridge lia apenas Marshall, prolongando e elaborando em cima de sentenças enigmáticas ou passagens do Grande Livro. O próprio Marshall dedicou o resto de sua vida retrabalhando e elaborando O Texto, publicando não menos que oito edições do *Principles* por volta de 1920.

Para o resto, havia a lendária "tradição oral" de Cambridge na qual os estudantes de Marshall e seus discípulos ficavam encantados em ouvir e passar adiante as palavras do "Grande Homem", bem como em ler seus semanais escritos menores em forma de manuscrito ou em audiências de comissão, já que Marshall manteve a maior parte dos seus escritos menores fora de publicação até quase o final de sua vida. Além disso, os Marshallianos de Cambridge poderiam trazer para eles mesmos uma aura de casta sacerdotal, os únicos dignos dos mistérios dos escritos sagrados negados aos homens menores.

O firmemente selado mundo da Cambridge Marshalliana rapidamente dominou a Grã-Bretanha; havia poucos desafiadores a ele nesse mundo. A dominância foi acelerada pelo papel único de Cambridge e de Oxford na vida social e intelectual da Grã-Bretanha,

⁵ Não há espaço aqui para elaborar minha convicção de que isso é um falso e até pernicioso mito, de que o que Marshall realmente fez não foi sintetizar, mas restabelecer a dominância de Ricardo e de Mill e seu equilíbrio de longo prazo e suas teorias de custo-de-produção, sobrepondo eles com um verniz fino de uma análise trivial de utilidade-marginal.

especialmente nos anos antes da explosão educacional que se seguiu a Segunda Guerra Mundial.

Desde os dias de Adam Smith, David Ricardo e J.S. Mill, a Grã-Bretanha foi bem-sucedida em dominar a teoria econômica pelo mundo, então Marshall e sua seita conseguiram assumir a hegemonia não apenas da economia em Cambridge, mas do mundo. (veja Crabtree 1980, pp. 101-05).⁶

⁶ Além disso, na época da Segunda Guerra Mundial e pouco depois, meus seminários para graduação com mérito estudantil na faculdade de Columbia consistiram em uma leitura e análise capítulo a capítulo do *Principles* de Marshall. E quando eu estava me preparando para meu exame oral de doutorado em história do pensamento, o venerável John Maurice Clark me disse que não havia real necessidade de que eu lesse Jevons porque "todas as suas contribuições estavam em Marshall".

"O Vigarista"

O JOVEM Keynes não mostrou qualquer interesse em economia, seu interesse dominante era filosofia. De fato, ele terminou sua graduação em Cambridge sem ter sequer uma aula de economia. Não só ele não tinha uma graduação na disciplina, mas o único curso de economia que Keynes teve em sua vida foi um curso de graduação de um período de Alfred Marshall.

Ele achou o feitiço da economia excitante, entretanto, na medida em que apelava tanto para os interesses teóricos e para a ânsia de chamar muita atenção através do mundo real de ação.

No outono de 1905, ele escreveu para Strachey, "Eu acho economia cada vez mais satisfatório, e eu acho que eu sou bem bom nisso. Eu quero administrar uma ferrovia ou organizar um Truste ou ao menos persuadir [swindle] o público investidor." (Harrod 1951, p. 111).⁷

Keynes, de fato, havia recém embarcado em sua carreira de uma vida como investidor e especulador. Ainda assim Harrod foi constrangido a negar vigorosamente que Keynes começou a especular antes de 1919.

Afirmando que Keynes não "tinha capital" antes disso, Harrod explicou que a razão para sua insistência em um review de um livro seis anos depois da publicação de sua biografia: "é importante que isso seja claramente entendido, já que existem muitos mal-intencionados [...] que afirmam que ele tirou vantagem de informações internas quando estava no tesouro (1915 - Junho de 1919) para ser bem sucedido em suas especulações de sucesso" (Harrod 1957).

⁷ Como Skidelsky aponta, é típico da bibliografia acobertadora de Roy Harrod que, ao citar essa carta, ele deixe de fora a fala de seu herói sobre "enganar o público investidor" (Skidelsky 1983, pp. 165n).

Keynes, o Homem

Numa carta para Clive Bell, autor do livro sob revisão e velho Bloomsburita e amigo de Keynes, Harrod pressionou esse ponto ainda mais: “Esse ponto é importante por causa das histórias bestiais, que estão bem espalhadas [...] sobre ele ter feito dinheiro de forma desonrosa ao tirar vantagem de sua posição no Tesouro” (ibid.; cf. Skidelsky 1983, pp. 286–88).

Apesar da insistência de Harrod no contrário, entretanto, Keynes havia de fato estabelecido seu próprio “fundo especial” e começou a fazer investimentos em julho de 1905.

Em 1914, Keynes estava especulando pesadamente no mercado de ações e, por volta de 1920, ele havia acumulado £16,000, o que deve equivaler a \$200,000 nos preços de hoje. Metade desse investimento ele fez com dinheiro emprestado.

Não é claro até esse momento se seu fundo era usado para investimento ou para propósitos mais especulativos, mas nós sabemos que esse capital foi aumentado em mais de três vezes.

Tenha Keynes usado informação do Tesouro para fazer tais decisões de investimento ainda não está provado, mesmo que as suspeitas certamente permaneçam (Skidelsky 1983, pp. 286–88).

Mesmo se nós não pudermos provar a acusação de ludibriar [swindling] contra Keynes, nós devemos considerar seu comportamento à luz de sua própria amarga condenação aos mercados financeiros como "cassinos de jogos" no *The General Theory*.

Parece então provável que Keynes *acreditava* que seus sucessos na especulação financeira tinham enganado [swindled] o público, já que

Murray Rothbard

não há razões para pensar que ele teria lamentado esse fato. Ele percebeu, entretanto, que seu pai iria desaprovar essa atividade.⁸

⁸ Em uma carta para sua mãe em 3 de setembro de 1919, Keynes escreveu que sua especulação em corretoras estrangeiras, "que iriam chocar meu pai, mas nas quais eu espero me dar muito bem" (Harrod 1951, pp. 288). Por uma crítica penetrante sobre as visões de Keynes em especulação como jogos de azar, veja Hazlitt ([1959] 1973, pp. 179-85).

Keynes e a Índia

Enquanto em Eton, o jovem Keynes (com seus 17, 18 anos) presenciou um sentimento anti-imperialista despertar na guerra da Grã-Bretanha contra os Bôeres na África do Sul. Ainda assim, ele nunca foi influenciado por esse sentimento. Como Skidelsky nota,

Por toda a sua vida ele assumiu o império como um fato da vida e nunca mostrou o menor interesse em descartar ele. [...] Ele nunca desviou muito da visão de que, todas as coisas consideradas, era melhor ter falantes de inglês dominando o mundo do que estrangeiros. (Skidelsky 1983, p. 91)

No final de 1905, apesar da importunação de Marshall, Keynes abandonou seus estudos de graduação em economia depois de um semestre e, no ano seguinte, prestou provas para o serviço civil, tendo ganhado um secretariado num escritório na Índia. Na primavera de 1907, Keynes foi transferido do Departamento Militar para o departamento de Receitas, Estatísticas e Comércio.

Enquanto ele ainda estava para se tornar um especialista nos assuntos dos indianos, ele mesmo assim alegremente assumiu que o governo da Grã-Bretanha não devia ser questionado: a Grã-Bretanha simplesmente disseminou bom governo em lugares que não poderiam ter se desenvolvido por contra própria.

"Maynard", Skidelsky aponta, "sempre viu o Raj através do Whitehall; ele nunca considerou as implicações humanas e morais do governo imperial ou se os grã-bretões estavam explorando os indianos".

Na grande tradição imperialista de Mills e de Thomas Macaulay na Inglaterra do século XIX, além disso, Keynes nunca sentiu necessidade de viajar para a Índia, aprender as línguas indianas, ou ler quaisquer livros sobre exceto se eles lidassem com finanças (*ibid.*, p. 176).

Keynes, o Homem

Apesar do seu crescimento a níveis maiores no Serviço Civil, Keynes rapidamente ficou cansado da sua quase sinecura e tentou retornar para Cambridge num cargo de professor. Finalmente, no final de 1907, Marshall escreveu para Keynes, oferecendo a ele uma classe em economia.

Apesar de Marshall estar prestes a se aposentar, ele facilmente persuadiu seu amigo, estudante favorito, e sucessor escolhido a dedo, Arthur C. Pigou, a seguir a prática de Marshall de pagar pela palestra do seu próprio salário; Neville Keynes prontamente ofereceu-se para igualar a bolsa.

Em 1908, Keynes alegremente assumiu o provinciano cargo de ensinar economia Marshalliana em sua velha escola, o King College, Cambridge. Mas, a maior parte do seu tempo e energia estavam sendo gastas como um homem ocupado de negócios em Londres (Corry 1978, p. 5). Uma de suas funções era de ser um informal, mas valioso conselheiro para o escritório Indiano; de fato, sua associação com o escritório na verdade aumentou depois de 1908 (Keynes 1971, p.17).

Como resultado, ele desempenhou um importante papel nas questões monetárias da Índia, escrevendo o primeiro de seus artigos principais sobre a Índia para o *Economic Journal* em 1909; escrevendo um influente memorando que cresceu para seu primeiro livro, a breve monografia chamada "*Indian Currency and Finance*" em 1913; e desempenhando um papel influente na Comissão Real para Finanças e Moeda da Índia, posto notável para o qual ele foi apontado antes de ter 30 anos.

O papel de Keynes nas finanças indianas não era apenas importante, mas também em última análise pernicioso, prefaciando seu papel posterior nas finanças internacionais. Apesar de ter convertido a Índia do padrão em prata para o padrão ouro em 1892, o governo britânico tropeçou em um padrão de taxa de ouro, ao invés de um padrão de ouro total que marcou a Grã-Bretanha e outras nações maiores do Ocidente.

Ouro não foi dissolvido como moeda ou semelhante disponível na Índia, e as reservas de ouro da Índia para as rúpias foram mantidas como saldos em libras ao invés de em ouro *per se*.

Para a maioria dos oficiais do governo, esse arranjo foi apenas uma medida de meio do caminho para um padrão completo de ouro; mas Keynes saudou o novo padrão de taxa de ouro como progressivo, científico e se movendo em direção a uma moeda ideal.

Ecoando visões inflacionistas de séculos de idade, ele opinou que a moeda "gasta" recursos que podem ser "economizados" por papéis e trocas estrangeiras.

Seu ponto crucial, entretanto, era que um falso padrão ouro, como o padrão de taxa de ouro precisa ser, confere muito mais espaço para manuseio da moeda e inflação pelos governos centrais. Tirando assim o poder do público sobre o dinheiro e colocando o poder nas mãos do governo. Keynes elogiou o padrão indiano como permitindo uma elasticidade muito maior (uma palavra secreta para inflação monetária) de dinheiro em resposta a demanda.

Mais ainda, ele saudou especialmente o relatório do governo da comissão do governo dos Estados Unidos em 1903 que advogava por um padrão de taxa de ouro na China e em outros países de Terceiro Mundo que usavam prata — um guia colocado por economistas progressistas e políticos para levar tais nações para o domínio e controle de um bloco comandado pelos Estados Unidos de ouro-dólar (Keynes 1971, pp. 60–85; veja também Parrini e Sklar 1983; Rosenberg 1985).

Na verdade, Keynes explicitamente olhou para frente para o tempo em que o padrão ouro sumiria por completo, para ser substituído por um sistema mais "científico" baseado em algumas moedas de papéis nacionais importantes. "Uma preferência por uma moeda com reservas tangíveis"

Keynes opinou, é "uma relíquia de um tempo em que governantes eram menos confiáveis nessas matérias do que eles são hoje" (1971, p.

Keynes, o Homem

51). Aqui estava o prenúncio da famosa rejeição de Keynes do ouro como "uma relíquia bárbara".

De forma mais ampla, as primeiras visões monetárias de Keynes pressagiaram o desastroso padrão de taxa de ouro projetado pela Grã-Bretanha durante os anos 1920, bem como o profundamente falho plano de Bretton Woods de um dólar-ouro administrado e imposto pelos Estados Unidos — com ajuda da Grã-Bretanha e do Lord Keynes — no final da Segunda Guerra Mundial.

O economista de Cambridge, entretanto, não estava contente em defender o *status quo* padrão de taxa de ouro na Índia. Acreditando que a marcha para a inflação controlada não estava avançando rápido o suficiente, ele clamou pela criação de um Banco Central (ou "Banco do Estado") para a Índia, permitindo assim centralização das reservas, elasticidade monetária bem maior e mais expansão monetária e inflação. Embora ele fosse incapaz de convencer a Comissão Real de ir em apoio a um Banco Central, ele foi fortemente influente em seu relatório final.

Esse relatório incluiu sua visão de Banco Central como um apêndice, e Keynes também fez uma severa investigação da posição pró-padrão ouro e anti-banco central das testemunhas.

Uma interessante nota de rodapé ao caso foi a reação ao apêndice de Banco Central de Keynes por seu antigo professor, Alfred Marshall. Marshall escreveu para Keynes que ele estava "encantado com um prodígio com um trabalho tão construtivo" (*ibid.*, p. 268).

Keynes geralmente gostava de enfrentar teorias econômicas para resolver problemas práticos. Sua motivação principal para mergulhar na questão monetária da Índia era de defender a reputação de seu primeiro e mais importante patrono político, Edwin Samuel Montagu, das influentes famílias Montagu e Samuel do Banco Internacional de Londres.

Montagu tinha sido presidente do União de Cambridge, a sociedade de debates da universidade, quando Keynes ainda era um graduando e Keynes se tornou seu favorito. Nas eleições gerais de 1906, Keynes havia feito campanha para a eleição bem-sucedida de Montagu para um cargo no parlamento como um Liberal.

No final de 1912, quando Montagu era um Subsecretário de Estado para a Índia, um escândalo se desenvolveu nas finanças indianas. O governo indiano, do qual Montagu era o segundo em comando, havia contratado secretamente a firma bancária de Samuel Montagu e sua companhia para comprar prata.

Acabou acontecendo que o nepotismo figurou fortemente nesse contrato. Lord Swaythling, um parceiro sênior da firma, era o pai do subsecretário Edwin S. Montagu, outro parceiro, Sir Stuart Samuel, era o pai de Herbert Samuel, chefe postal do governo Asquith (veja Skidelsky 1983, p. 273).

Vendendo a Teoria Geral

O *GENERAL THEORY* de Keynes foi, ao menos no curto prazo, um dos mais deslumbrantemente bem-sucedidos livros de todos os tempos. Em alguns poucos anos, sua teoria "revolucionária" tinha conquistado a profissão econômica e rapidamente havia transformado as políticas públicas, enquanto a economia antiquada foi varrida, desonrada e jogada na lixeira da história.

Como tal foi alcançado? Keynes e seus seguidores iriam responder, claro, que a profissão simplesmente aceitou a sua forte verdade auto evidente. E ainda assim *The General Theory* não foi de forma alguma realmente revolucionário, mas meramente o velho e frequentemente refutado mercantilismo e de falácias inflacionistas e vestido em uma nova roupa brilhante, repleto com jargões construídos recentemente e majoritariamente incompreensíveis. Como, então, adveio o rápido sucesso?

Parte da razão, como Schumpeter pontuou, é que o clima no governo bem como o clima intelectual de 1930 eram propícios a tal conversão. Governos sempre buscam novas formas de receita e novas formas de gastar dinheiro, frequentemente sem maiores ressalvas; entretanto a ciência econômica, por quase um século, havia duramente avisado contra a inflação e com o déficit de gastos, até mesmo em tempos de recessão.

Economistas — a quem Keynes juntou em uma única categoria e desdenhosamente denegriu como clássicos no *The General Theory*— eram os resmungões no piquenique, estendendo uma toalha desmancha-prazeres sobre as tentativas do governo de aumentar os gastos.

Agora vinha Keynes, com sua economia "científica" moderna, dizendo que a antiga economia "clássica" havia entendido tudo errado: que, ao contrário, era o dever moral e científico do governo gastar,

Keynes, o Homem

gastar e gastar; incorrer em déficit atrás de déficit, para salvar a economia dos vícios como a parcimônia e orçamentos balanceados e irrestrito capitalismo; e para gerar recuperação da depressão.

Quão bem-vinda foi a economia Keynesiana para os governos de todo o mundo!

Em adição, intelectuais por todo o mundo estavam começando a se convencer que o capitalismo laissez-faire não poderia funcionar e que tinha sido responsável pela grande depressão.

Comunismo, fascismo e várias formas de socialismo e de economia controlada se tornaram popular por essa razão durante os anos de 1930. Keynesianismo combinou perfeitamente com esse clima intelectual.

Mas também havia razões internas fortes para o sucesso do *The General Theory*. Ao vestir a nova teoria com jargão impenetrável, Keynes criou uma atmosfera onde *somente* bravos novos economistas poderiam possivelmente entender a nova ciência, nenhum economista com mais de 30 anos poderia compreender a Nova Economia.

Economistas mais velhos, que, compreensivelmente não tinham mais paciência para novas complexidades, tendiam a descartar o *The General Theory* como nonsense e se recusaram a enfrentar esse formidavelmente incompreensível trabalho.

Por outro lado, economistas mais novos e estudantes de graduação, socialmente inclinados, buscavam novas oportunidades e inclinaram-se a recompensadora tarefa de entenderem sobre o que *The General Theory* falava.⁹

⁹ Harry Johnson colocou a estratégia perceptivamente:

"Nesse processo, ajuda muito dar para velhos conceitos nomes novos e confusos. [...] A nova teoria tinha que ter o grau

Paul Samuelson havia escrito sobre a alegria de ter menos de 30 quando *The General Theory* foi publicado em 1936, clamando, usando Wordsworth, “Bliss was it in that dawn to be alive, but to be young was very heaven.” [“Felicidade foi naquela madrugada estar vivo, mas ser jovem foi como um paraíso”]

apropriado de dificuldade para ser entendida. Este é um problema complexo no desenho de novas teorias.

A nova teoria tinha que ser tão difícil de entender que os colegas acadêmicos seniores não achariam fácil nem que a valeria a pena estudar, de modo que eles desperdiçariam seus esforços em questões teóricas periféricas, e assim se ofereceriam como mercado fácil para críticas e demissões por seus colegas mais jovens e famintos.

Ao mesmo tempo, a nova teoria teve que parecer difícil o suficiente para desafiar o interesse intelectual de jovens colegas e estudantes, mas na verdade fácil o suficiente para eles dominarem adequadamente com um investimento suficiente de esforço intelectual.

Esses objetivos a *Teoria Geral* de Keynes conseguiu alcançar: ela nitidamente arquiva os antigos e estabelecidos estudiosos, como Pigou e Robertson, permitindo que os mais empreendedores de meia-idade, como Hansen, Hicks e Joan Robinson, pulassem e dirigissem o vagão, e permitiu que toda uma geração de estudantes [...] escapasse do lento e destruidor processo de aquisição de sabedoria por osmose de seus anciãos e da literatura para jogar ela em um reino intelectual no qual o iconoclasta juvenil poderia rapidamente ganhar sua justa recompensa (aos seus próprios olhos, pelo menos) pela demolição das pretensões intelectuais de seus seniores e antecessores acadêmicos.

A economia, deliciosamente, poderia ser reconstruída do zero com base em um pouco de compreensão keynesiana e um alto desprezo pela literatura existente — e assim foi" (1978, pp. 188-89)

Keynes, o Homem

Ainda o mesmo Samuelson que entusiasticamente aceitou a nova revelação também admitiu que o *The General Theory*

é um livro mal escrito, mal organizado [...] que abunda em ninhos de éguas [mares' nests] de confusões. [...] Eu acredito que não estou dizendo segredos quando eu assevero solenemente — através da lembrança de vívida experiência pessoal — que ninguém em Cambridge, Massachussetts, realmente sabia sobre o que realmente era por cerca de 12 a 18 meses após sua publicação. (Samuelson [1946] 1948, p. 145; Hodge 1986, pp 21-22)

Precisa ser lembrado que a agora familiar Cruz Keynesiana, diagramas IS-LM e o sistema de equações não estavam disponíveis para aqueles que estavam desesperadamente tentando entender o *The General Theory* quando o livro foi publicado; na verdade, demorou 10 a 15 anos de incontáveis horas de trabalho humano para entender o sistema Keynesiano.

Frequentemente, como no caso de Ricardo e Keynes, quanto mais obscuro o conteúdo for, mais bem sucedido será o livro, na medida em que jovens acadêmicos arrebanharem-se ao seu redor, se tornando acólitos.

Também importante para o sucesso de *The General Theory* foi o fato de que, assim como grandes guerras criam grande número de generais, a revolução Keynesiana e seu descarte rude da antiga geração de economistas criou um grande número de aberturas para os novos Keynesianos tanto na profissão quanto no governo.

Outro fator crucial para o repentino e esmagador sucesso do *The General Theory* foi sua origem na mais provinciana universidade do mais dominante centro econômico nacional do mundo.

Por um século e meio, a Grã-Bretanha arrogou para si o papel de dominância na economia, com Smith, Ricardo e Mill todos

engradecendo essa tradição. Nós vimos como Marshall estabeleceu sua dominância em Cambridge e que a economia que ele desenvolveu era essencialmente um retorno para a clássica tradição de Ricardo e Mill.

Como um proeminente economista de Cambridge e estudante de Marshall, Keynes tinha uma importante vantagem em ampliar o sucesso de suas ideias no *The General Theory*.

É seguro dizer que se Keynes fosse um obscuro professor de economia numa pequena faculdade do Meio-Oeste americano, seu trabalho, no caso remoto de que ele arrumasse uma editora para o publicar, seria totalmente ignorado.

Nos dias antes da Segunda Guerra Mundial, a Grã-Bretanha, e não os Estados Unidos, era o mais prestigiado centro de pensamento econômico do mundo. Embora a economia austríaca tenha florescido nos Estados Unidos antes da Primeira Guerra Mundial (com o trabalho de David Green, Frank A. Fetter, e Herbert J. Davenport), os anos de 1920 e início dos anos de 1930, foram um período estéril para a teoria econômica. Institucionalistas antiteóricos haviam dominado a economia americana durante esse período, deixando um vácuo que era simples para Keynes preencher.

Também importante para o sucesso de Keynes foi a sua tremenda estatura como líder intelectual e político-econômico na Grã-Bretanha, incluindo seu papel proeminente como um participante de, e severo crítico do, tratado de Versalhes. Como um membro de Bloomsbury, ele também era importante nos círculos artísticos e culturais da Grã-Bretanha.

Mais ainda, nós devemos perceber que nos dias da pré-Segunda Guerra Mundial apenas uma pequena minoria de cada país ia para a faculdade e que o número de universidade era pequeno e geograficamente concentrado na Grã-Bretanha.

Como resultado, havia poucos economistas e professores de economia na Grã-Bretanha, e todos conheciam uns aos outros. Isso

Keynes, o Homem

criou considerável espaço para a personalidade e o carisma ajudarem a converter a profissão para a doutrina Keynesiana, a importância desses fatores externos como carisma pessoal, política e oportunismo de carreira era particularmente forte entre os discípulos de F.A Hayek na *London School of Economics*.

Além disso, Hayek, em uma série de artigos, havia brilhantemente demolido o trabalho anterior de Keynes, seu tratado de dois volumes *Treatise on Money*, e muitas das falácias expostas por Hayek se aplicavam igualmente bem ao *The General Theory* (ver Hayek 1931a, 1931b, 1932). Para os alunos e seguidores de Hayek, então, deve-se dizer que eles conheciam coisa melhor.

No domínio da teoria, eles já tinham sido inoculados contra o *The General Theory*. E ainda assim, no final da década de 1930, cada um dos seguidores de Hayek tinha pulado no vagão keynesiano, incluindo Lionel Robbins, John R. Hicks, Abba P. Lerner, Nicholas Kaldor, G.L.S. Shackle, e Kenneth E. Boulding.

Talvez a conversão mais surpreendente tenha sido a de Lionel Robbins. Robbins não só tinha sido um convertido à metodologia Misesiana, bem como à teoria monetária e dos ciclos econômicos, mas também tinha sido um forte ativista pró-austríaco.

Convertido desde sua presença no *Priyatseminar* de Mises em Viena na década de 1920, Robbins, altamente influente no departamento de economia da LSE, conseguiu trazer Hayek para a LSE em 1931 e traduzir e publicar as obras de Hayek e Mises.

Apesar de ser um crítico de longa data da doutrina keynesiana antes de *The General Theory*, a conversão de Robbins ao keynesianismo foi aparentemente solidificada quando ele serviu como colega de Keynes no planejamento econômico em tempo de guerra.

Há no diário de Robbins uma nota decidida de êxtase que talvez explique sua surpreendente humilhação em repudiar sua obra misesiana, *The Great Depression* (1934).

Murray Rothbard

O repúdio de Robbins foi publicado em sua Autobiografia de 1971: "Sempre considerarei esse aspecto da minha disputa com Keynes como o maior erro da minha carreira profissional, e o livro, *The Great Depression*, que posteriormente escrevi, em parte na justificativa dessa atitude, como algo que eu gostaria de ver esquecido" (Robbins 1971, p. 154).

As entradas do diário de Robbins sobre Keynes durante a Segunda Guerra Mundial só podem ser consideradas uma visão pessoal absurdamente arrebatadora. Aqui está Robbins em uma conferência pré-Bretton Woods de junho de 1944 em Atlantic City:

Keynes estava em seu humor mais lúcido e persuasivo: e o efeito foi irresistível. [...] Keynes deve ser um dos homens mais notáveis que já viveram — a lógica rápida, a visão ampla, sobretudo o sentido incomparável da aptidão das palavras, todos combinam para fazer algo em vários graus além do limite da realização humana comum. (Ibid., p. 193)

Apenas Churchill, Robbins continua dizendo, é de estatura comparável. Mas Keynes é maior, pois ele

usa o estilo clássico de nossa vida e linguagem, é verdade, mas é filmado através de algo que não é tradicional, uma qualidade única sobrenatural da qual só se pode dizer que é puro gênio.

Os americanos sentaram-se entusiasmados enquanto o visitante divino cantava e a luz dourada tocava ao redor. (Ibid., pp. 208-12 cf. Hession 1984, p. 342)

Keynes, o Homem

Este tipo de bajulação só pode significar que Keynes possuía algum tipo de forte magnetismo pessoal ao qual Robbins era suscetível.¹⁰

Centrais para a estratégia de Keynes em colocar o *The General Theory* acima de outros foram duas afirmações: primeiro, que ele estava revolucionando a teoria econômica, e segundo, que ele foi o primeiro economista — além de alguns personagens do "submundo", como Silvio Gesell — a se concentrar no problema do desemprego.

Todos os economistas anteriores, a quem ele juntou como "clássicos", disse ele, assumiram o pleno emprego e insistiram que o dinheiro era apenas um "véu" para processos reais e, portanto, não era uma presença verdadeiramente perturbadora na economia.

Um dos efeitos mais infelizes de Keynes foi seu equívoco na história do pensamento econômico, uma vez que sua devotada legião de seguidores aceitou as opiniões defeituosas de Keynes no *The General Theory* como a última palavra sobre o assunto.

Alguns dos erros altamente influentes de Keynes podem ser atribuídos à ignorância, uma vez que ele foi pouco treinado no assunto e principalmente lido trabalho por seus colegas cantabrigianos. Por exemplo, em seu resumo grosseiramente distorcido da lei de Say ("oferta cria sua própria demanda"), ele cria um espantalho e passa a demoli-lo com facilidade (1936, p. 18).

¹⁰ Oodor Robbins, D.P. O'Brien, trabalhou duro para manter que, apesar do que ele admite ser a "contrição elaborada" e "exagerada" de Robbins, Robbins nunca realmente, no fundo, converteu-se ao keynesianismo.

Mas O'Brien não é convincente, mesmo depois de tentar mostrar como Robbins se isentou em alguns problemas. Além disso, O'Brien admite que Robbins abandonou sua abordagem macro Misesiana, e ele falha em mencionar o tratamento surpreendente de Robbins sobre Keynes como "divino" (O'Brien 1988, pp. 14-16, 117-20).

Esta reafirmação errônea e enganosa da lei de Say foi posteriormente repetida (sem citar Say ou qualquer um dos outros defensores da lei) por Joseph Schumpeter, Mark Blaug, Axel Leijonhufvud, Thomas Sowell, entre outros. Uma melhor formulação da lei é que a oferta de um bem *constitui* demanda por um ou mais bens (ver Hutt 1974, p. 3).

Mas a ignorância não pode explicar a alegação de Keynes de que ele foi o primeiro economista a tentar explicar o desemprego ou transcender a suposição de que o dinheiro é um mero véu que não exerce nenhuma influência importante nos ciclos econômicos ou na economia. Aqui devemos atribuir a Keynes uma campanha deliberada de mentira e engano — o que agora seria chamado de "desinformação" eufemisticamente.

Keynes sabia muito bem da existência das escolas Austríaca e LSE, que floresceram em Londres já na década de 1920 e mais obviamente desde 1931. Ele próprio havia pessoalmente debatido com Hayek, o principal austríaco da LSE, nas páginas do *Economica*, o jornal da LSE.

Os austríacos em Londres atribuíram o desemprego contínuo em larga escala às taxas salariais mantidas acima do salário do livre mercado, por uma combinação de ações sindicais e governamentais (por exemplo, em pagamentos extraordinariamente generosos de seguro-desemprego).

Recessões e ciclos econômicos foram atribuídos ao crédito bancário e à expansão monetária, como alimentado pelo Banco Central, que empurrou as taxas de juros abaixo dos níveis genuínos de preferência temporal e criou um superinvestimento em bens de capital de maior ordem. Estes então teriam que ser liquidados por uma recessão, que por sua vez surgiria assim que a expansão do crédito parasse.

Mesmo que ele não tivesse concordado com esta análise, era inconcebível para Keynes ignorar a própria existência desta escola de pensamento então proeminente na Grã-Bretanha, uma escola que nunca

Keynes, o Homem

podia ser interpretada como tendo ignorado o impacto da expansão monetária sobre o estado real da economia.

A fim de conquistar o mundo da economia com sua nova teoria, foi fundamental para Keynes destruir seus rivais dentro da própria Cambridge. Em sua mente, aquele que controlava Cambridge controlava o mundo. Seu rival mais perigoso era o sucessor escolhido a dedo por Marshall e o antigo professor de Keynes, Arthur C. Pigou.

Keynes começou sua campanha sistemática de destruição contra Pigou quando Pigou rejeitou sua abordagem anterior no *Treatise on Money*, momento em que Keynes também rompeu com seu antigo aluno e amigo próximo, Dennis H. Robertson, por se recusar a se juntar à formação contra Pigou.

O equívoco mais gritante em *The General Theory*, e que seus discípulos aceitaram sem questionar, é a apresentação ultrajante das opiniões de Pigou sobre dinheiro e desemprego na identificação feita por Keynes de Pigou como o maior economista "clássico" contemporâneo que supostamente acreditava que há sempre pleno emprego e que o dinheiro é apenas um véu que não causa interrupções na economia — isso sobre um homem que escreveu *Flutuações Industriais* em 1927 e *Teoria do Desemprego* em 1933, que discutem longamente o problema do desemprego! Além disso, no último livro, Pigou repudia explicitamente a teoria do véu monetário e enfatiza a centralidade crucial do dinheiro na atividade econômica.

Assim, Keynes criticou Pigou por supostamente ter mantido a "condenação [...] que o dinheiro não faz nenhuma diferença real, exceto ficionalmente e que a teoria do desemprego pode ser trabalhada [...] como sendo baseada em trocas 'reais'."

Um apêndice inteiro no capítulo 19 do *The General Theory* é dedicado a um ataque a Pigou, incluindo a alegação de que ele escreveu apenas em termos de trocas reais e salários reais, não salários em dinheiro, e que ele assumiu apenas taxas salariais flexíveis (Keynes 1936, pp. 19-20, pp. 272-79).

Mas, como Andrew Rutten observa, Pigou conduziu uma análise "real" apenas na primeira parte de seu livro; na segunda parte, ele não só trouxe dinheiro, mas apontou que qualquer abstração do dinheiro distorce a análise e que o dinheiro é crucial para qualquer análise do sistema de câmbio.

O dinheiro, diz ele, não pode ser abstraído e não pode agir de forma neutra, portanto "a tarefa da parte atual deve ser determinar de que maneira o fator monetário faz com que a quantidade média e a flutuação do emprego sejam diferentes do que de outra forma teriam sido".

Portanto, acrescentou Pigou, "é ilegítimo abstrair o dinheiro [e] deixar tudo igual. A abstração proposta é do mesmo tipo que estaria envolvida em pensar tirar o oxigênio da terra e supor que a vida humana continuaria a existir" (Pigou 1933, pp. 185, 212).

Pigou analisou extensivamente a interação da expansão monetária e das taxas de juros, juntamente com as mudanças nas expectativas, e discutiu explicitamente o problema dos salários e dos salários "pegajosos".

Assim, fica claro que Keynes deturpou seriamente a posição de Pigou e que essa deturpação foi deliberada, uma vez que, se Keynes leu qualquer economista cuidadosamente, ele certamente leu um Cantabrigiano proeminente como Pigou.

No entanto, como Rutten escreve: "Essas conclusões não devem ser uma surpresa, uma vez que há muitas evidências de que Keynes e seus seguidores deturparam seus antecessores" (Rutten 1989, p. 14). O fato de Keynes ter se envolvido nessa decepção sistemática e que seus seguidores continuam a repetir o conto de fadas sobre o "classicismo" cego de Pigou mostra que há uma razão mais profunda para a popularidade desta lenda nos círculos keynesianos.

Como Rutten escreve,

Keynes, o Homem

*Há uma explicação plausível para a repetição da história de Keynes e dos clássicos. [...] É que a perspectiva padrão é popular porque oferece simultaneamente uma explicação e uma justificativa para o sucesso de Keynes: sem o *The General Theory*, ainda estaríamos na idade das trevas econômicas.*

*Em outras palavras, a história de Keynes e os Clássicos é evidência para o *The General Theory*. De fato, seu uso sugere que pode ser a evidência mais convincente disponível. Neste caso, a prova de que Pigou não o tinha a posição atribuída a ele é [...] evidência contra Keynes.*

[...] [Esta conclusão] levanta a [...] questão séria do status metodológico de uma teoria que se baseia tanto em evidências falsificadas. (Ibid., p. 15)

Em seu review do *The General Theory*, Pigou foi devidamente desdenhoso da "macedônia de deturpações" de Keynes." e, no entanto, tão grande foi o poder da maré de opinião (ou o carisma de Keynes) que, em 1950, após a morte de Keynes, que Pigou se envolveu no tipo de retratação abjeta, influenciado por Lionel Robbins, que Keynes há muito tempo tentara tirar dele (Pigou 1950; Johnson e Johnson 1978, p. 179; Corry 1978, p. 11-12).

Mas Keynes usou táticas na venda de *The General Theory* além de depender de seu carisma e de decepção sistemática. Ele buscou o favor de seus alunos elogiando-os extravagantemente, e ele os colocou deliberadamente contra os não-keynesianos na faculdade de Cambridge, ridicularizando seus colegas na frente desses alunos e encorajando-os a assediar seus colegas de faculdade. Por exemplo, Keynes incitou seus alunos com uma crueldade particular contra Dennis Robertson, seu antigo amigo íntimo.

Como Keynes sabia muito bem, Robertson era dolorosa e extraordinariamente tímido, até mesmo a ponto de se comunicar com

Murray Rothbard

seu fiel secretário de longa data, cujo escritório era ao lado do seu, apenas por memorandos escritos. As palestras de Robertson eram completamente escritas com antecedência, e por causa de sua timidez ele se recusou a responder qualquer pergunta ou se envolver em qualquer discussão com seus alunos ou seus colegas.

Dessa forma, foi uma tortura particularmente diabólica dos discípulos radicais de Keynes, liderados por Joan Robinson e Richard Kahn, ter atraído ele, insultado Robertson, assediando-o com perguntas rancorosas e desafiando-o a debater (Johnson e Johnson 1978, pp. 136ff.).

Economia Política de Keynes

N^O *The General Theory*, Keynes estabeleceu uma sociologia político-econômica única, dividindo a população de cada país em várias classes econômicas rigidamente separadas, cada uma com suas próprias leis e características comportamentais, cada uma carregando sua própria avaliação moral implícita.

Primeiro, há a massa de consumidores: muda, robótica, seu comportamento é fixo e totalmente determinado por forças externas. Na afirmação de Keynes, sua força principal é uma proporção rígida de sua renda total, ou seja, sua determinada "função de consumo".

Em segundo lugar, há um subconjunto de consumidores, um problema eterno para a humanidade: os insuportavelmente burgueses poupadores, aqueles que praticam as virtudes puritanas sólidas da parcimônia e da hipermetropia, aqueles a quem Keynes, o suposto aristocrata, desprezou por toda a sua vida.

Todos os economistas anteriores, certamente incluindo os antepassados de Keynes, Smith, Ricardo e Marshall, elogiaram os poupadores econômicos como construtores de capital de longo prazo e, portanto, como responsáveis por enormes melhorias de longo prazo no padrão de vida dos consumidores.

Mas Keynes, em um feito de prestidigitação, cortou a evidente ligação entre poupança e investimento, alegando em vez disso que os dois não estão relacionados.

Na verdade, ele escreveu, as economias são um empecilho para o sistema; eles "vazam" o fluxo de gastos, causando assim recessão e desemprego. Assim, Keynes, como Mandeville no início do século XVIII, foi capaz de condenar a parcimônia e a poupança; ele tinha finalmente obtido sua vingança sobre a burguesia.

Keynes, o Homem

Ao também cortar os retornos de juros do preço do tempo ou da economia real e tornando-os apenas um fenômeno monetário, Keynes foi capaz de defender, como um eixo de seu programa político básico, a "eutanásia da classe rentista": ou seja, o Estado expandir a quantidade de dinheiro o suficiente para reduzir a taxa de juros para zero, assim, finalmente, eliminando os credores odiados.

Deve-se notar que Keynes não queria acabar com o investimento: pelo contrário, ele sustentou que a poupança e o investimento eram fenômenos separados. Assim, ele poderia defender reduzir a taxa de juros para zero como forma de maximizar o investimento, minimizando (se não erradicar) a poupança.

Uma vez que ele alegou que os juros eram puramente um fenômeno monetário, Keynes poderia então também cortar a existência de uma taxa de juros causada pela escassez de capital. Na verdade, ele acreditava que o capital não era *realmente* escasso.

Assim, Keynes afirmou que sua sociedade preferida "significaria a eutanásia do rentista e, conseqüentemente, a eutanásia do poder cumulativo opressivo do capitalista para explorar a escassez de valor do capital".

Mas o capital não é *realmente* escasso: "Os juros de hoje não recompensam nenhum sacrifício genuíno, não mais do que o aluguel da terra. O proprietário do capital pode obter juros porque o capital é escasso, assim como o proprietário do terreno pode obter aluguel porque o terreno é escasso. Mas, embora possa haver razões intrínsecas para a escassez de terras, não há razões intrínsecas para a escassez de capital."

Portanto, "podemos mirar na prática [...] em um aumento no volume de capital até que ele deixe de ser escasso, de modo que o investidor sem função [o rentista] não receberá mais um bônus." Keynes deixou claro que ele estava ansioso para uma aniquilação gradual "função" do

rentista, em vez de qualquer tipo de revolta súbita (Keynes 1936, pp. 375-76; veja também Hazlitt [1959] 1973, pp. 379-84).¹¹

Keynes então chegou à terceira classe econômica, a quem ele estava um pouco melhor disposto: os investidores. Ao contrário dos consumidores passivos e robóticos, os investidores *não* são determinados por uma função matemática externa.

Pelo contrário, são cheios de livre arbítrio e dinamismo ativo. Eles também não são um arrasto maligno nas máquinas econômicas, como são os poupadores. Eles são importantes contribuintes para o bem-estar de todos.

Mas, infelizmente, há um problema. Mesmo que dinâmicos e cheios de livre arbítrio, os investidores são criaturas erráticas de seus próprios humores e caprichos. Eles são, em suma, produtivos, mas irracionais. Eles são movidos por humores psicológicos e "espíritos animais".

Quando os investidores estão sentindo-se inspirados e quando seus espíritos animais estão altos, eles investem pesado, mas demais; excessivamente otimistas, eles gastam muito e trazem inflação.

Mas Keynes, especialmente em *A Teoria Geral*, não estava realmente interessado na inflação; ele estava realmente preocupado com o desemprego e a recessão, causada, em sua visão extremamente superficial, por humores pessimistas, perda de espíritos animais e, portanto, subinvestimento.

O sistema capitalista está, portanto, em um estado de macroinstabilidade inerente. Talvez a economia de mercado se saia bem o suficiente no nível de micro, oferta e demanda.

¹¹ Veja também o esclarecedor artigo feito por Andrew Rutten (1989). Eu estou em dívida ao Dr. Rutten por atrair minha atenção a esse artigo.

Keynes, o Homem

Mas no mundo macro, é barco sem leme; não há mecanismo interno para evitar que seus gastos agregados sejam muito baixos ou muito altos, causando, portanto, recessão e desemprego ou inflação.

Curiosamente, Keynes chegou a essa interpretação dos ciclos econômicos como um bom Marshalliano. Ricardo e seus seguidores da *Currency School* acreditavam corretamente que os ciclos econômicos são gerados por expansões e contrações de crédito bancário e da oferta de dinheiro, como gerado por um banco central, enquanto seus oponentes na *Banking School* acreditavam que as expansões do dinheiro bancário e do crédito eram meramente efeitos passivos de booms e quebras e que a verdadeira causa dos ciclos econômicos era a flutuação na especulação empresarial e nas expectativas de lucro — uma explicação muito perto da teoria posterior de Pigou de mudanças de humor psicológico e do foco de Keynes em espíritos animais.

John Stuart Mill tinha sido um ricardiano fiel, exceto nesta área crucial. Seguindo seu pai, Mill adotou a teoria causal dos ciclos econômicos da *Banking School*, que foi então adotada por Marshall (Trescott 1987; Perlman 1989, pp. 88-89).

Para desenvolver uma saída, Keynes apresentou uma quarta classe de sociedade. Ao contrário dos consumidores robóticos e ignorantes, este grupo é descrito como cheio de livre arbítrio, ativismo e conhecimento dos assuntos econômicos.

E ao contrário dos investidores infelizes, eles não são irracionais, sujeitos a mudanças de humor e espíritos animais; pelo contrário, são extremamente racionais, bem como conhecedores, capazes de planejar o melhor para a sociedade no presente e no futuro.

Esta classe, este deus *ex machina* externo ao mercado, é, naturalmente, o aparato estatal, liderado por sua elite dominante natural e guiado pela versão moderna e científica dos reis filósofos platônicos.

Em suma, os líderes governamentais, guiados com firmeza e sabedoria por economistas keynesianos e cientistas sociais

(naturalmente liderados pelo próprio grande homem), salvariam o dia. Na política e sociologia da *Teoria Geral*, todos os fios da vida e do pensamento de Keynes estão bem amarrados.

E assim o Estado, liderado por seus mentores keynesianos, é capaz de administrar a economia, controlar os consumidores ajustando impostos e reduzindo a taxa de juros para zero, e, em particular, ao se engajarem em "uma socialização um tanto abrangente do investimento", Keynes argumentou que isso não significaria total socialismo estatal, apontando que

não é a propriedade dos instrumentos de produção que é importante para o Estado assumir. Se o Estado conseguir determinar a quantidade agregada de recursos destinados ao aumento dos instrumentos e determinar a taxa básica de recompensa para aqueles que os possuem, terá realizado tudo o que é necessário. (Keynes 1936, p. 378)

Sim, deixe o estado controlar completamente o investimento, sua quantidade e sua taxa de retorno, além da taxa de juros; em seguida, Keynes permitiria que indivíduos privados mantivessem a propriedade formal para que, dentro da matriz global de controle e domínio estatal, eles ainda pudessem manter "um amplo campo para o exercício da iniciativa privada e responsabilidade" Como Hazlitt diz,

O investimento é uma decisão fundamental no funcionamento de qualquer sistema econômico. E o investimento do governo é uma forma de socialismo.

Só a confusão de pensamento, ou duplicidade deliberada, negaria isso. Pois o socialismo, como qualquer dicionário diria aos keynesianos, significa a propriedade e o controle dos meios de produção pelo governo.

Keynes, o Homem

Sob o sistema proposto por Keynes, o governo controlaria todo o investimento dos meios de produção e seria dono da parte que havia investido diretamente.

É, na melhor das hipóteses, mera confusão, portanto, apresentar as panaceias keynesianas como uma alternativa de livre iniciativa ou "individualista" ao socialismo. (Hazlitt [1959] 1973, p. 388; cf. Brunner 1987, pp. 30, 38)

Havia um sistema que tinha se tornado proeminente e elegante na Europa durante as 1920 e 1930 que foi precisamente marcado por essa característica Keynesiana desejada: *propriedade* privada, sujeita a controle e planejamento abrangentes do governo. Esse foi, é claro, o fascismo.

Qual é a posição de Keynes sobre o fascismo? A partir das informações dispersas agora disponíveis, não deve ser surpresa que Keynes fosse um entusiasta defensor do "espírito empreendedor" de Sir Oswald Mosley, o fundador e líder do fascismo britânico, ao pedir um abrangente "plano econômico nacional" no final de 1930.

Em 1933, Virginia Woolf estava escrevendo para uma amiga próxima que temia que Keynes estivesse no processo de convertê-la para "uma forma de fascismo" No mesmo ano, ao pedir a autossuficiência nacional através do controle estatal, Keynes opinou que "Mussolini, talvez, esteja adquirindo seus dentes do siso" (Keynes 1930b, 1933, p. 766; p. 766; Johnson e Johnson 1978, p. 22; sobre a relação entre Keynes e Mosley, ver Skidelsky 1975, pp. 241, 305-6; Mosley 1968, pp. 178, 207, 237-38, 253; Cruz 1963, pp. 35-36).

Mas a evidência mais convincente da forte inclinação fascista de Keynes foi o prefácio especial que ele preparou para a edição alemã do *The General Theory*. Esta tradução alemã, publicada no final de 1936, incluiu uma introdução especial para o benefício dos leitores alemães de Keynes e para o regime nazista sob o qual foi publicada.

Não surpreende que a biografia idólatra de Keynes, *Life*, de Harrod não faça menção a esta introdução, embora tenha sido incluída duas décadas depois no volume sete dos *Collected Writings*, juntamente com prefácios para as edições japonesa e francesa.

A introdução alemã, que apenas escassamente recebeu o benefício de comentários extensos de exegeses keynesianas, inclui as seguintes declarações de Keynes:

No entanto, a teoria da produção como um todo, que é o que o seguinte livro pretende fornecer, é muito mais facilmente adaptada às condições de um estado totalitário, do que a teoria da produção e distribuição de uma determinada produção produzida sob condições de livre concorrência e uma certa medida de laissez-faire. (Keynes 1973 [1936], p. xxvi. Cf. Martin 1971, pp. 200-5; Hazlitt [1959] 1973, p. 277; Brunner 1987, pp. 38ff.)

Quanto ao comunismo, Keynes estava menos entusiasmado. Por um lado, ele admirava os jovens, intelectuais, comunistas ingleses do final dos anos 1930 porque o lembravam, curiosamente, dos "típicos cavalheiros ingleses não conformistas que [...] fizeram a Reforma, lutaram contra a Grande Rebelião, ganharam nossas liberdades civis e religiosas, e humanizaram as classes trabalhadoras no século passado."

Por outro lado, ele criticou os jovens comunistas de Cambridge pelo outro lado da moeda Reforma/Grande Rebelião: eles eram puritanos. O antipuritanismo ao longo da vida de Keynes emergiu na questão, os graduandos de Cambridge estão desiludidos quando vão para a Rússia, e a "acham terrivelmente desconfortável? Claro que não. É isso que eles estão procurando" (Hession 1984, p. 265).

Keynes rejeitou firmemente o comunismo após sua própria visita à Rússia em 1925. Ele não gostou do terror em massa e do extermínio, causado em parte pela velocidade da transformação revolucionária e em parte também, opinou Keynes, por "alguma bestialidade na natureza

Keynes, o Homem

rusa — ou na natureza russa e judaica quando, como agora, eles são aliados juntos". Ele também tinha fortes dúvidas de que o "comunismo russo" seria capaz de "tornar os judeus menos avaros" (Keynes 1925, pp. 37, 15).

Na verdade, Keynes era antissemita há muito tempo.¹² Em Eton, Maynard escreveu um ensaio intitulado "As Diferenças Entre o Oriente e o Ocidente", no qual condenou os judeus como um povo oriental que, por causa de "instintos profundamente enraizados que são antagônicos e, portanto, repulsivos à Europa", não pode ser assimilado à civilização europeia mais do que gatos podem ser forçados a amar cães (Skidelsky, 1986, p. 92).

Mais tarde, como um funcionário britânico na conferência de paz de Paris, Keynes escreveu sobre sua grande admiração pelo brutal ataque antissemita de Lloyd George ao ministro francês das Finanças, Louis-Lucien Klotz, que havia tentado pressionar os alemães derrotados por mais ouro em troca de aliviar o bloqueio alimentar aliado.

Primeiro, havia a descrição feita por Keynes de Klotz: "Um judeu baixo, gordo, musculoso, bem-preparado, bem guardado, mas com um olho instável, itinerante, e seus ombros um pouco dobrados com uma postura de depreciação instintiva." Keynes então descreveu o momento dramático:

Lloyd George sempre o odiou e o desprezou; e agora viu em um piscar de olhos que ele poderia matá-lo. Mulheres e crianças estavam famintas, ele chorou, e aqui estava M. Klotz falando sem parar de seu "ourro" [goold]. Ele inclinou-se para a frente e com um gesto de suas mãos indicou a todos a imagem

¹² Anteriormente, Keynes havia solicitado uma "transformação da sociedade" que "podia exigir uma redução da taxa de juros para o ponto de inexistência nos próximos trinta anos" (Keynes 1933, pp. 762).

de um judeu hediondo segurando um saco de dinheiro.

Seus olhos brilharam e as palavras saíram com um desprezo tão violento que ele parecia quase estar cuspidando nele. O antissemitismo, não muito abaixo da superfície em uma assembleia como essa, estava na coração de todos.

Todos olharam para Klotz com um desprezo momentâneo e ódio; o pobre homem estava dobrado sobre seu assento, visivelmente encolhido. Mal sabíamos o que Lloyd George estava dizendo, mas as palavras "ourro" e Klotz foram repetidas, e toda vez com desprezo exagerado.

Naquele momento, Lloyd George chegou ao clímax de sua performance: voltando-se para o primeiro-ministro francês, Clemenceau, ele avisou que, a menos que os franceses cessassem suas táticas obstrutivas contra a alimentação dos alemães derrotados, três nomes entrariam para a história como os arquitetos do bolchevismo na Europa: Lênin e Trotsky e [...] como Keynes escreveu: "O primeiro-ministro cessou. Por toda a sala você podia ver cada um sorrindo e sussurrando para seu vizinho, 'Klotsky'" (Keynes 1949, p. 229; Skidelsky 1986, pp. 360, 362).

A questão é que Keynes, que nunca tinha gostado particularmente de Lloyd George antes, foi conquistado pela exibição da pirotecnia antissemita selvagem de George. "Ele pode ser incrível quando se concorda com ele", declarou Keynes. "Nunca antes e depois admirei tanto seus poderes extraordinários" (1949, p. 225).¹³

¹³ Keynes poderia se erguer acima de sua atitude geralmente antissemita, especialmente quando um rico banqueiro internacional, capaz de conferir favores, estava envolvido.

Keynes, o Homem

Mas a principal razão para a rejeição de Keynes ao comunismo era simplesmente que ele mal não conseguia se identificar com o proletariado sujo. Como Keynes escreveu após sua viagem à Rússia Soviética: “Como posso adotar tal credo que, preferindo a lama aos peixes, exalta o proletariado grosseiro acima da burguesia e da inteligência que [...] são a qualidade de vida e certamente levam as sementes de todo o avanço humano?” (Hession 1984, p. 224).

Rejeitando o socialismo proletário do Partido Trabalhista Britânico, Keynes fez um ponto gritante e semelhante: "É uma guerra de classes e essa classe não é minha classe [...] A guerra de classes me encontraria do lado da burguesia educada" (Brunner 1987, p. 28). John Maynard Keynes era um membro vitalício da aristocracia britânica, e ele não estava disposto a esquecê-la.

Assim, vimos que Edwin Samuel Montagu foi o mais antigo e mais importante patrono político de Keynes; e Keynes também se afeiçoou ao representante da Alemanha na conferência de paz de Paris, Dr. Carl Melchior: "De certa forma, eu estava apaixonado por ele" (Keynes 1949, p. 222).

O fato de Melchior ser sócio da proeminente empresa bancária internacional da M.M. Warburg and Company pode ter tido algo a ver com a atitude benigna de Keynes.

Resumindo

Foi KEYNES, como Hayek sustentou, um "brilhante acadêmico"? "Acadêmico" dificilmente, uma vez que Keynes foi abismalmente pouco lido em literatura econômica: ele era mais um bucaneiro, tomando um pouco de conhecimento e usando-o para infligir sua personalidade e ideias falaciosas sobre o mundo, com um impulso continuamente alimentado por uma arrogância que beirava a egomania.

Mas Keynes teve a sorte de nascer dentro da elite britânica, para ser educado dentro dos principais círculos econômicos (Eton/Cambridge/Apóstolos), e de ser especialmente escolhido pelo poderoso Alfred Marshall.

"Brilhante" é dificilmente uma palavra apropriada também. Claramente, Keynes era brilhante o suficiente, mas suas qualidades mais significativas eram sua arrogância, sua autoconfiança ilimitada, e sua ávida vontade de poder, de dominação, de tirar uma lapa das artes, das ciências sociais e do mundo da política.

Além disso, Keynes era muito pouco um "revolucionário" em qualquer sentido real. Ele possuía a inteligência tática para vestir falácias estatistas e inflacionistas antigas com jargões modernos e pseudocientíficos, fazendo-os parecer as últimas descobertas da ciência econômica.

Keynes foi, assim, capaz de surfar a onda de estatismo e socialismo, de economias gerenciadas e de planejamento. Keynes eliminou o antigo papel da teoria econômica como estraga-prazeres dos esquemas inflacionistas e estatistas, levando uma nova geração de economistas ao poder acadêmico e a riqueza política e privilégios.

Um termo mais adequado para Keynes seria "carismático" — não no sentido de comandar a lealdade de milhões, mas em ser capaz de

Keynes, o Homem

enganar e seduzir pessoas importantes — de patronos a políticos a estudantes e até economistas opositores.

Um homem que pensava e agia em termos de poder e dominação brutal, que repreendia o conceito de princípio moral, que era um inimigo eterno e jurado da burguesia, dos credores, e da classe média econômica, que era um mentiroso sistemático, distorcendo a verdade para se encaixar em seu próprio plano, que era um fascista e era um antisemita, Keynes, apesar de tudo isso, foi capaz de persuadir adversários e competidores.

Mesmo quando ele astutamente virou seus alunos contra seus colegas, ele ainda era capaz de enganar esses mesmos colegas para a rendição intelectual. Assediando e martelando injustamente em Pigou, Keynes ainda era capaz, finalmente e do além do túmulo, de provocar uma retratação abjeta de seu antigo colega.

Da mesma forma, ele inspirou seu velho inimigo Lionel Robbins a devanear absurdamente em seu diário sobre a auréola dourada em torno da cabeça "divina" de Keynes.

Ele foi capaz de converter ao Keynesianismo vários Hayekianos e Misesianos que deveriam ter conhecido — e sem dúvida, sabiam — melhor: além de Abba Lerner, John Hicks, Kenneth Boulding, Nicholas Kaldor e G.L.S. Shackle na Inglaterra, havia também Fritz Machlup e Gottfried Haberler de Viena, que desembarcaram no Johns Hopkins e Harvard, respectivamente.

De todos os Misesianos do início da década de 1930, o único economista completamente não infectado pela doutrina e personalidade Keynesiana foi o próprio Mises.

E Mises, em Genebra e depois por anos em Nova York sem um cargo de professor, foi removido do influente cenário acadêmico. Embora Hayek tenha permanecido anti-keynesiano, ele também foi tocado pelo carisma keynesiano.

Apesar de tudo, Hayek tinha orgulho de chamar Keynes de amigo e de fato promoveu a lenda de que Keynes, no final de sua vida, estava prestes a se converter de seu próprio Keynesianismo.

A evidência de Hayek para a suposta conversão de última hora de Keynes é notavelmente pequena — com base em dois eventos nos anos finais da vida de Keynes. Primeiro, em junho de 1944, ao ler *The Road to Serfdom*, Keynes, agora no auge de sua carreira como planejador do governo em tempo de guerra, escreveu uma nota para Hayek, chamando-o de "um grande livro [...] moralmente e filosoficamente, eu me encontro de acordo com praticamente tudo o que está nele."

Mas por que isso deveria ser interpretado como algo mais do que uma nota educada para um amigo casual por ocasião de seu primeiro livro popular?

Além disso, Keynes deixou claro que, apesar de suas palavras amáveis, ele nunca aceitou a tese essencial da "ladeira escorregadia" de Hayek, ou seja, que o estatismo e o planejamento central levam diretamente ao totalitarismo.

Pelo contrário, Keynes escreveu que "o planejamento moderado será seguro se aqueles que o realizam estiverem justamente orientados em suas mentes e corações para a questão moral".

Esta frase, é claro, soa verdadeira, pois Keynes sempre acreditou que a instalação de bons homens, ou seja, ele mesmo e os técnicos e estadistas de sua classe social, eram a única salvaguarda necessária para verificar os poderes dos governantes (Wilson 1982, pp. 64ff.).

Hayek oferece mais uma evidência frágil para a suposta retratação de Keynes, que ocorreu durante seu último encontro com Keynes em 1946, o último ano da vida de Keynes. Hayek relata,

Uma reviravolta na conversa me fez perguntar se ele estava ou não preocupado com o que alguns de seus discípulos estavam fazendo de suas teorias.

Keynes, o Homem

Depois de um comentário não muito elogioso sobre as pessoas envolvidas, ele começou a me tranquilizar: essas ideias tinham sido muito necessárias no momento em que ele as havia lançado.

Mas não precisava me alarmar: se eles se tornarem perigosos, eu poderia confiar nele que ele voltaria rapidamente a girar em volta da opinião pública — indicando por um rápido movimento de sua mão o quão rápido isso seria feito. Mas, três meses depois ele estava morto. (Hayek 1967, p. 348)¹⁴

No entanto, este não era um Keynes quase à beira da retratação. Em vez disso, este era o Keynes vintage, um homem que sempre manteve seu ego soberano mais alto do que qualquer princípio, mais alto do que qualquer mera ideia, um homem que apreciava o poder que tinha. Ele poderia e transformaria o mundo, ajeitá-lo-ia com um estalo de dedos, como ele presumia ter feito no passado.

Além disso, esta declaração também foi vintage de Keynes em termos de sua visão de longa data de como agir corretamente quando dentro ou fora do poder. Na década de 1930, proeminente, mas fora do poder, ele podia falar e agir de forma "um pouco selvagem"; mas agora que ele desfrutava de um alto assento no poder, era hora de baixar o tom da "licença poética".

Joan Robinson e os outros marxo-keynesianos estavam cometendo o erro, do ponto de vista de Keynes, de não subordinar suas ideias queridas aos requisitos de sua prodigiosa posição de poder.

¹⁴ Harry Johnson registrou uma impressão semelhante, na apresentação de Keynes de seu artigo postumamente publicado sobre o balanço de pagamentos, no qual Johnson conclui que a referência de Keynes a "quanto dessa coisa modernista que deu errado, ficou azeda e tola e está circulando em nosso sistema" se refere à esquerda-keynesiana, ou marxo-keynesiana, Joan Robinson (Johnson 1978, pp. 159n).

E assim Hayek também, embora nunca tivesse sucumbido às ideias de Keynes, caiu sob seu feitiço carismático. Além de criar a lenda da mudança de opinião de Keynes, por que Hayek não demoliu o *The General Theory* como ele tinha feito com o *Treatise on Money* de Keynes?

Hayek admitiu um erro estratégico, que ele não tinha se incomodado em fazê-lo porque era notório que Keynes ia mudar de ideia, então Hayek não pensou então que o *The General Theory* iria durar.

Além disso, como Mark Skousen observou no capítulo 1 deste volume, Hayek aparentemente aposentou suas luvas na década de 1940, a fim de evitar interferir com o financiamento Keynesiano britânico do esforço de guerra — certamente um infeliz exemplo do sofrimento da verdade nas mãos da suposta conveniência política.

Economistas posteriores continuaram a cortar por uma linha revisionista, afirmando absurdamente que Keynes era apenas um pioneiro benigno da teoria da incerteza (Shackle e Lachmann), ou que ele era um profeta da ideia de que os custos de busca eram altamente importantes no mercado de trabalho (Clower e Leijonhufvud).

Nada disso é verdade. Que Keynes era um keynesiano — desse tão ridicularizado sistema keynesiano fornecido por Hicks, Hansen, Samuelson e Modigliani — é a única explicação que faz qualquer sentido da economia keynesiana.

No entanto, Keynes era muito mais do que um Keynesiano. Acima de tudo, ele foi a figura extraordinariamente perniciosa e maligna que examinamos neste livro: um Maquiavel encantador, mas poderoso estatístico, que encarnou algumas das tendências e instituições mais malévolas do século XX.

Bibliografia

- Brunner, Karl. 1987. "The Sociopolitical Vision of Keynes," in David A. Reese, ed., *The Legacy of Keynes*. San Francisco: Harper and Row.
- Corry, Bernard. 1978. "Keynes in the History of Economic Thought" em A. Thirlwall, ed., *Keynes and Laissez Faire*. London: Macmillan.
- Corry, Bernard. 1986. "Keynes's Economics: A Revolution in Economic Theory or Economic Policy?" in R.D. Collison Black, ed., *Ideas in Economics*. Totowa, N.J.: Barnes and Noble.
- Crabtree, Derek. 1980. "Cambridge Intellectual Currents of 1900" in Crabtree and Thirlwall 1980.
- Crabtree, Derek, and A.P. Thirlwall, eds. 1980. *Keynes and the Bloomsbury Group*. London: Macmillan.
- Cross, Colin. 1963. *The Fascists in Britain*. New York: St. Martin's Press.
- Deacon, Richard. 1986. *The Cambridge Apostles*. New York: Farrar, Straus, and Giroux.
- Gillies, D.A. 1973. *An Objective Theory of Probability*. London: Methuen.
- Harris, Seymour, ed. 1948. *The New Economics*. New York: Alfred A. Knopf.
- Harrod, Roy. 1951. *The Life of John Maynard Keynes*. London: Macmillan.
- Harrod, Roy. 1957. "Review of Clive Bell's Old Friends" *Economic Journal*.

Keynes, o Homem

Hayek, Friedrich A. 1931a. Hayek, Friedrich A. 1931a. “Reflections on the Pure Theory of Money of Mr. J. M. Keynes” *Economica* 11.

_____. 1931b. “A Rejoinder to Mr. Keynes” *Economica* 11.

_____. 1932. “Reflections on the Pure Theory of Money of Mr. J.M. Keynes (continued).” *Economica* 12.

_____. 1944. *The Road to Serfdom*. Chicago: University of Chicago Press.

_____. 1967. *Studies in Philosophy, Politics and Economics*. Chicago: University of Chicago Press.

_____. 1984 [1956]. “Tribute to Ludwig von Mises” em Margit von Mises, *My Life with Ludwig von Mises*. 2d ed. Cedar Falls, Iowa: Center for Futures Education.

Hazlitt, Henry. 1973 [1959]. *The Failure of the “New Economics”* 2d ed. New Rochelle, N.Y.: Arlington House.

Hession, Charles H. 1984. *John Maynard Keynes*. New York: Macmillan.

Hodge, Ian. 1986. *Baptized Inflation*. Tyler, Tex.: Institute for Christian Economics.

Holroyd, Michael. 1967. *Lytton Strachey: A Critical Biography*. 2 vols. London: Heinemann.

Hutt, William H. 1974. *A Rehabilitation of Say’s Law*. Columbus: Ohio State University Press.

Johnson, Elizabeth, and Harry G. Johnson. 1978. *The Shadow of Keynes*. Oxford: Basil Blackwell.

Keynes, John Maynard. 1914. “Review of Mises” *Economic Journal* 24.

Murray Rothbard

- _____.1921. *A Treatise on Probability*. London: Macmillan.
- _____.1925. *A Short View of Russia*. London: Hogarth Press.
- _____.1930a. *A Treatise on Money*. 2 vols. London: Macmillan.
- _____.1930b. “Sir Oswald Mosley’s Manifesto” *Nation and Atheneum* (13 December).
- _____.1933. “National Self-Sufficiency” *Yale Review* 22.
- _____.1936. *The General Theory of Employment, Interest and Money*. London: Macmillan.
- _____.1949. *Essays and Sketches in Biography*. New York: Meridian Books.
- _____.1971. *Activities, 1906–1914: India and Cambridge*. The Collected Writings of John Maynard Keynes. Vol. XV. London: Macmillan.
- _____.1972 [1951]. *Essays in Biography*. The Collected Writings of John Maynard Keynes. Vol. X. London: Macmillan.
- _____.1973 [1936]. *The General Theory of Employment, Interest and Money*. The Collected Writings of John Maynard Keynes. Vol. VII. London.
- Keynes, John Neville. 1955 [1891]. *The Scope and Method of Political Economy*. New York: Kelley and Millman.
- Mises, Ludwig von. 1966. [1949]. *Human Action: A Treatise on Economics*. 3d ed. Chicago: Henry Regnery.
- Mises, Richard von. 1951. *Probability, Statistics and Truth*. 2d ed. London: Allen and Unwin.

Keynes, o Homem

Moggridge, D.E. 1969. *The Return to Gold, 1925: The Formation of Economic Policy and Its Critics*. Cambridge: Cambridge University Press.

Moore, G.E. 1903. *Principia Ethica*. Cambridge: Cambridge University Press.

Mosley, Sir Oswald. 1968. *My Life*. New Rochelle, N.Y.: Arlington House.

O'Brien, D.P. 1988. *Lionel Robbins*. New York: St. Martin's Press.

Parrini, Carl P., and Martin J. Sklar. 1983. "New Thinking about the Market, 1896–1904: Some American Economists on Investment and the Theory of Surplus Capital" *Journal of Economic History* 43.

Perlman, Morris. 1989. "Adam Smith and the Paternity of the Real Bills Doctrine" *History of Political Economy* 21.

Pigou, A.C. 1933. *The Theory of Unemployment*. London: Macmillan.

_____.1950. *Keynes's General Theory: A Retrospective View*. London: Macmillan.

Robbins, Lionel. 1934. *The Great Depression*. London: Macmillan.

_____.1971. *Autobiography of an Economist*. London: Macmillan.

Rosenberg, Emily S. 1985. "Foundations of United States International Financial Power: Gold Standard Diplomacy, 1900–1905." *Business History Review* 59.

Rothbard, Murray N. 1970 [1962]. *Man, Economy, and State*. Los Angeles: Nash Publishing.

_____. 1988. *Ludwig von Mises: Scholar, Creator, Hero*. Auburn, Ala.: Mises Institute.

Murray Rothbard

Rutten, Andrew. 1989. "Mr. Keynes on the Classics: A Suggestive Misinterpretation?" Manuscrito não publicado.

Samuelson, Paul A. 1948 [1946]. "Lord Keynes and the General Theory" in Harris 1948. Originally appeared in *Econometrica* (July 1946).

Skidelsky, Robert. 1975. *Oswald Mosley*. New York: Holt, Rinehart, and Winston.

_____.1983. John Maynard Keynes: Hopes Betrayed, 1883–1920.London: Macmillan.

_____.1986. John Maynard Keynes: Hopes Betrayed, 1883–1920. New York: Viking.

Trescott, Paul B. 1987. "J.M. Keynes as a Marshallian: Comment." *Journal of Economic Issues* 21.

Welch, Colin. 1986. "Review of Skidelsky" *The American Spectator* (December).

Wilson, Tom. 1982. Policy in War and Peace: The Recommendations of J.M. Keynes" em A.P. Thirlwall, ed., *Keynes as a Policy Adviser*. London: Macmillan.

Conheça outras obras da Editora Konkin:

www.konkin.com.br



Gostaria de fazer uma doação para tornar mais traduções como esta disponíveis no Brasil?



Aponte a câmera do celular